

23 verdades sobre o capitalismo

*Rodrigo dos Anjos Canavez**

Resenha crítica

CHANG, Ha-Joon. **23 Coisas que não nos contaram sobre o Capitalismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013, 368 p. ISBN: 978-85-316-1220-6

Uma meia verdade é uma mentira que se sustenta por argumentos lógicos ou fatos reais capazes de promover uma visão distorcida da realidade. Ha-Joon Chang, economista sul coreano especialista no tema de desenvolvimento econômico, faz uso de explicação semelhante para justificar seu livro “23 Coisas que não nos contaram sobre o Capitalismo”. Nele, o professor de Cambridge explica como o “catecismo de reverência ao livre mercado” não deveria guiar o funcionamento do capitalismo atual que, apesar das falhas apontadas, é considerado pelo autor o melhor sistema econômico já desenvolvido pela humanidade. A meia verdade em questão é o neoliberalismo e sua ortodoxia.

O primeiro e principal mito que Chang busca derrubar é a existência de um livre mercado. “Todo mercado tem algumas regras e limites que restringem a liberdade de escolha” (pg.21), diz. A economia como a conhecemos hoje é resultante de anos de interações sociais e políticas de modo que os limites de sua liberdade também são definidos politicamente. Por causa dessas interações, a possibilidade de se excluir o governo das decisões do mercado é quase nula, já que sua importância é grande demais para isso. Assim, um mercado livre de regulações ou influências quaisquer é tão utópico quanto possa parecer.

Na verdade, alguns mercados só parecem livres porque, utilizando-me das palavras do autor “aceitamos tão completamente as regulamentações que os sustentam que elas se tornam invisíveis” (pg.24). O exemplo citado para ilustrar essa afirmação é o direito das crianças de não trabalhar, que foi historicamente escolhido como preponderante sobre o direito dos empregadores de explorá-las. Na lógica do livre mercado, as crianças seriam a mão de

* Graduando em Relações Internacionais - INEST/UFF - rcanavez@hotmail.com

obra mais barata disponível, não fosse essa regulamentação que, na época de sua adoção, gerou polêmica semelhante às que vemos na atualidade, por se tratar de intervenção governamental nas práticas privadas.

Se desenvolvermos o raciocínio empregado por Chang, não é difícil perceber que, se a “mão invisível” fosse a única responsável por conduzir o mercado, fatalmente a proibição de vender seres humanos e escravizá-los não teria acontecido. Na ótica de um latifundiário brasileiro do século XIX, o mercado ficou menos livre com essa regulamentação do governo e, fosse o Liberalismo uma instrução única e definitiva, a abolição da escravatura não faria sentido. Se continuarmos buscando, encontraremos milhares de restrições ao que pode ou não ser negociado: votos eleitorais, empregos públicos, medicamentos não aprovados ou perigosos. Todos foram retirados do mercado por decisões políticas que faziam sentido e não pelo processo do mercado em si – ou a mitológica mão invisível.

Ao longo do livro, Chang defende que a economia nada mais é do que bom senso transformado em uma linguagem complicada e, em dado momento, é sugerida pelo autor uma equação básica: se os salários e as taxas de juros são em grande medida determinados politicamente, então todos os outros preços também são determinados politicamente, já que eles afetam todos os outros preços. O melhor exemplo para corroborar sua tese é o de que os salários dos países ricos sofrem grande controle por meio da política de restrição da imigração de seus governos. Por meio dela, seus salários mais altos são assegurados, porque o mercado de trabalhadores não é tão livre, impedindo que pessoas dispostas a trabalhar por um salário menor tenham acesso ao mercado de trabalho, possibilitando a manutenção de rendas altas. Se os defensores da liberdade de mercado agem dessa forma, é fácil concordar que a liberdade do mercado é de fato uma meia-verdade.

No ponto de vista internacional, Chang expõe o debate contemporâneo sobre o “livre comércio” e o “comércio justo”. Estaria um país como a China engajado num comércio internacional livre, porém injusto? Na opinião de muitos países, sim, visto que ela mantém seus trabalhadores recebendo salários extremamente baixos e produzindo, frequentemente, em condições desumanas, enquanto outros países, por garantirem direitos sociais referenciados internacionalmente, não podem fazer o mesmo. Entretanto, no ponto de vista chinês, é inaceitável que os países ricos defendam o livre comércio e imponham, ao mesmo tempo, barreiras artificiais que prejudiquem as suas exportações. Eis o impasse enfrentado frequentemente na Organização Mundial do Comércio desde sua fundação. Mais uma vez, a liberdade do mercado é politicamente discutível e não objetivamente determinada pelo equilíbrio técnico do mercado.

É importante considerar que Chang não é um autor anticapitalista e por isso mesmo preocupa-se em dissecar outros aspectos do sistema, com o intuito de expor as meias verdades, que agem como ervas daninhas para seu bom funcionamento. Nesse sentido, é abordado o fato de que o potencial de crescimento de uma empresa, fruto e base do sistema capitalista, é prejudicado quando sua gestão é voltada unicamente para o interesse de seus acionistas. Isso provém do mito de que, por serem os verdadeiros donos, eles dariam mais importância a isso. Na verdade, com frequência, são os que menos se importam com o futuro da empresa no longo prazo. A criação da responsabilidade limitada (LTDA) fez com que, em

caso de falência, os acionistas só percam o que foi investido, mecanismo este que contribui para decisões desastrosas, como as que foram tomadas no cenário pré-crise de 2008.

Inteligente também é a discussão levantada sobre os impactos causados pelas tecnologias e a maneira como costumamos superestimar as inovações mais recentes esquecendo que, num passado não muito distante, outras invenções provocaram revoluções ainda mais marcantes na economia e na vida em sociedade. Apesar do cuidado e do espaço dado à essa questão, Chang encerra o capítulo “A máquina de lavar mudou mais o mundo do que a internet o fez” permitindo que o leitor mais interessado sinta falta de um maior aprofundamento do tema. Felizmente, pouco depois esbarramos com o capítulo “Não vivemos em uma era pós industrial”, cujo objetivo é mostrar o quanto o encolhimento das manufaturas não se deve à sua diminuição absoluta na produção total, mas à queda de seu preço em relação ao preço dos serviços. Discute-se também sobre a incapacidade dos países ricos de adotarem economias pós-industriais unicamente baseadas em serviços.

O autor visita outros mitos essenciais da Economia Política, como o da nacionalidade, construção necessária, porém fantasiosa, de que as nações possuem uma identidade que não pode e não deve ser modificada; a soberania e sua relação com a transnacionalidade do capital; as diferenças entre as elites dos países ricos e as elites dos países pobres; a estabilidade macroeconômica e sua relação com as crises; inflação e hiperinflação; CEOs e as responsabilidades que lhes são atribuídas; o preço dos executivos americanos e o impacto na transnacionalidade de suas empresas; nossa capacidade de fazer escolhas e como isso afeta o gerenciamento dos mercados; o passado econômico dos países ricos e o que foi feito até que atingissem sua condição atual (tema que é devidamente elaborado em seus outros livros “Chutando a Escada” e “Os Maus Samaritanos”).

O economista dedica um capítulo inteiro à capacidade que os governos têm de fazer boas escolhas. Nele, também aborda os fracassos da intervenção estatal e o modo como, apesar disso, sua adoção fez com que a maioria dos países crescessem muito mais rápido, com maior distribuição de renda e com menos crises financeiras, se comparado ao período de reformas voltadas para a liberalização dos mercados.

Os inspiradores do discurso de Chang parecem ser List¹ e Hamilton²: enquanto o último fica explícito por meio da utilização de argumentos sólidos, como a necessidade de protecionismo nas primeiras etapas iniciais de desenvolvimento³, o primeiro permanece como um mestre que guia a linha de raciocínio desenvolvida em todo o livro. “Chutando a Escada”, de fato, é uma frase de List, para as atitudes inglesas após o século XIX, quando o passado protecionista da economia britânica foi “esquecido” e não se permitiu que outros povos o copiassem.

Em suma, na visão de Chang, o rigor científico e estéril que os economistas neoliberais tentam transparecer em suas recomendações corresponde, na realidade, à mera expressão

1 Georg Friedrich List, economista alemão partidário do protecionismo “pedagógico”.

2 Alexander Hamilton, economista norte-americano, primeiro a formular uma política protecionista para as indústrias nascentes.

3 Ha-Joon Chang já se utilizou das ideias de Hamilton de maneira mais elaborada em seu livro anterior, *Bad Samaritans*.

técnica da opinião política que lhes convém. O debate econômico envolve necessariamente valores morais e decisões políticas, que não podem ser encaixados numa equação ou em pensamentos rígidos desenvolvidos numa realidade distante do momento em que serão aplicados. Ao longo dos capítulos, torna-se claro que os adeptos do livre mercado estão tão politicamente motivados quanto qualquer pessoa, embora busquem transformar sua política em uma verdade econômica objetiva, enquanto a política de outras pessoas continua sendo tratada como política em si e, por isso, torna-se passível de desconfiança, ou desqualificação. Na realidade, todos estão politicamente motivados e as tentativas de modificar as delimitações do mercado são tão legítimas quanto as tentativas de defendê-lo.

Em sua conclusão, o autor reforça o conteúdo do livro, convidando o leitor a repensar os princípios que fundamentaram o pensamento econômico das últimas décadas. Para isso, aproveita o momento em que o livro foi lançado (2010, início da recuperação econômica da crise de 2008) para confortar e mostrar que esse é de fato o momento certo de nos sentirmos pouco à vontade com a maneira com que o capitalismo tem sido conduzido e com isso, conseguir repensá-lo. O livro promete e consegue equipar o leitor com um entendimento sobre o sistema capitalista, como ele realmente funciona e como é possível fazê-lo funcionar melhor.

Referência Bibliográfica

CHANG, Ha-Joon. **23 Coisas que não nos contaram sobre o Capitalismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013, 368 p. ISBN: 978-85-316-1220-6